



DOI: <https://doi.org/10.26694/cadpetfilo.v15i30.6317>

TECNOLOGIA E DOMINAÇÃO: A CRÍTICA DE MARCUSE À SOCIEDADE DE CONSUMO

Technology and Domination: Marcuse's Critique of Consumer Society

Luiz Victor Teixeira de Sousa¹

RESUMO

Este artigo analisa as reflexões de Herbert Marcuse, um filósofo da Escola de Frankfurt, sobre a sociedade industrial avançada e seus efeitos no indivíduo e na cultura, destacando como a tecnologia e o capitalismo promovem uma unidimensionalidade que limita a liberdade humana e a emancipação. Marcuse, em sua obra *O Homem Unidimensional*, argumenta que o desenvolvimento tecnológico, embora tenha o potencial de liberar, acaba por reforçar as estruturas de dominação, transformando a cultura superior em produtos de consumo de massa. A sublimação e a dessublimação, conceitos analisados no artigo, refletem como a sociedade manipula as necessidades dos indivíduos, criando desejos falsos que perpetuam a opressão. A alienação, na perspectiva de Marcuse, não é apenas um afastamento do trabalho, mas uma perda de identidade e autonomia, sendo a sociedade administrada um reflexo de um sistema que impede a verdadeira transformação social. O artigo conclui que a verdadeira emancipação só seria possível com uma mudança radical nas condições sociais e culturais, desafiando as contradições do sistema capitalista e propondo alternativas mais autênticas de viver.

Palavras-chave: Tecnologia ; Dominação; Teoria crítica; Sociedade de consumo.

ABSTRACT

This article analyzes Herbert Marcuse's reflections on the advanced industrial society and its effects on the individual and culture, highlighting how technology and capitalism promote unidimensionality that limits human freedom and emancipation. In his work *One-Dimensional Man*, Marcuse argues that while technological development has the potential to liberate, it ultimately reinforces structures of domination, transforming high culture into mass consumer products. The concepts of sublimation and desublimation explored in the article show how society manipulates individuals' needs, creating false desires that perpetuate oppression. Alienation, in Marcuse's perspective, is not only an estrangement from labor but a loss of identity and autonomy, with the administered society reflecting a system that prevents true social transformation. The article concludes that true emancipation would only be possible through a radical change in social and cultural conditions, challenging the contradictions of the capitalist system and proposing more

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e bolsista do PET Filosofia UFPI. E-mail: luvictor123456@gmail.com



authentic ways of living.

Keywords: Technology; Domination; Critical theory; Consumer society.

INTRODUÇÃO

O filósofo alemão Herbert Marcuse foi um dos pioneiros na análise dos mecanismos de dominação tecnológica e política que emergiram com o avanço da sociedade moderna. Seus estudos foram cruciais para entender o impacto do progresso científico e tecnológico na transformação da vida humana. As suas reflexões sobre o funcionamento das sociedades industriais avançadas, o desenvolvimento da técnica e da tecnologia, bem como as implicações sociais do progresso tecnológico na sociedade moderna, continuam sendo relevantes para a análise da sociedade contemporânea, especialmente no que diz respeito às suas contradições sociais.

Marcuse tornou-se membro do Instituto de Pesquisa Social, conhecido como "Escola de Frankfurt", em 1933. A partir da década de 1930, o Instituto passou a adotar um conceito de Teoria Social Crítica, opondo-se à teoria tradicional de orientação positivista. Para Marcuse, um dos objetivos da Teoria Crítica é analisar o desenvolvimento da sociedade e explorar alternativas históricas que visem à melhoria da qualidade de vida, buscando minimizar a luta pela sobrevivência e aprimorar os recursos materiais e intelectuais disponíveis.

A Teoria Crítica deve investigar as origens dos problemas sociais, comparar a organização atual da sociedade com outras formas possíveis, e demonstrar as reais possibilidades de desenvolvimento e satisfação das necessidades humanas. Para isso, ela se baseia em fundamentos empíricos, ou seja, na análise das condições objetivas de organização social, com foco na estrutura do sistema de produção e consumo, para identificar as possibilidades de emancipação. Marcuse observa que, no capitalismo, o sistema de produção e consumo condiciona os indivíduos, limitando-os à unidimensionalidade das condições de existência, tanto subjetivas quanto objetivas. Esse processo impede a crítica e bloqueia o surgimento de outras possibilidades históricas, tornando impossível a emancipação e apenas intensificando a luta pela sobrevivência, ao reproduzir um estilo de vida baseado na troca da liberdade pelo conforto.

A partir dessa perspectiva, o objetivo é compreender as implicações sociais do desenvolvimento da técnica e da tecnologia, destacando tanto o potencial de dominação



quanto de emancipação que essas podem gerar. Para isso, a obra " Ideologia da sociedade industrial avançada: O homem unidimensional", publicada originalmente em 1964, serve como base para a análise. Este artigo visa responder a contradições que surgem no estudo da Teoria Crítica sobre a tecnologia, formuladas por Marcuse, nas seguintes questões: a) Como o desenvolvimento técnico e a sublimação estão conectados? b) Como a cultura superior é afetada pelo capitalismo e pela tecnologia? c) O que é a "unidimensionalidade" da sociedade? d) Como a tecnologia e o capitalismo moldam as necessidades dos indivíduos? e) Qual o papel da alienação na sociedade tecnológica? f) Como a ideologia funciona na sociedade capitalista? Responder a essas questões é crucial para compreender a função da técnica e da tecnologia na sociedade contemporânea e os meios para estabelecer uma realidade social pacífica.

A metodologia utilizada para este trabalho foi a revisão bibliográfica, com foco nas obras de Herbert Marcuse, especialmente na obra "Ideologia da sociedade industrial avançada: O homem unidimensional". Como método, a Teoria Crítica da sociedade enfatiza a importância da crítica negativa em relação à ciência positiva, que orienta a tecnologia nas sociedades industriais e serve aos interesses do capital, perpetuando valores específicos. As contradições geradas por esse sistema são evidentes.

MECÂNICA DA SUBLIMAÇÃO NA SOCIEDADE UNIDIMENSIONAL

No capítulo 3 de O Homem Unidimensional – A Conquista da Consciência Infeliz: Dessublimação Repressiva, Marcuse examina a conexão entre o desenvolvimento técnico e a sublimação dentro da cultura. A chamada "cultura superior"², que abrange desde as obras clássicas até as mais modernas, acaba sendo ofuscada pelo avanço técnico e pela sua capacidade de execução. A sublimação psicológica desempenha um papel importante ao ajudar a conciliar os desejos instintivos com as normas culturais, permitindo que os indivíduos expressem seus impulsos de maneira socialmente aceitável. No entanto, a cultura, muitas vezes, se vê imersa em uma repressão e negação

²Para Marcuse, a "cultura superior", refere-se às formas de arte, filosofia e intelectualidade que transcendem as demandas e normas da sociedade de consumo. Essa cultura se destaca na não conformidade e resistência aos interesses do mercado ou a conformidade social, assim promove uma visão crítica e reflexiva da realidade. Marcuse expõe "a cultura superior do passado era muitas coisas- oposição e adorna, clamor e resignação (Marcuse, 2015, p.97).

simultâneas. No contexto do capitalismo e sua tecnologia, essa configuração social ainda não superada oferece soluções tanto simples quanto sofisticadas, em uma forma de conquista. A unidimensionalidade³ dessa estrutura social retira a potência sublimada, tornando-a realizável na esfera tecnológica, especialmente através da dessublimação⁴, que transforma a "cultura superior" em produtos de consumo em massa. Marcuse declara:

A realidade ultrapassa sua cultura. O homem hoje faz mais que os heróis da cultura e semideuses; ele resolveu muitos problemas insolúveis. Mas ele também traiu a esperança e destruiu a verdade que estava preservada nas sublimações da cultura superior. (Marcuse, 2015, p. 85)

Marcuse argumenta que a questão central está na ambiguidade da cultura superior na sociedade industrial avançada. Nesse contexto, a transformação da cultura em um produto de consumo enfraquece sua essência. Com o domínio da técnica sobre a natureza, surge uma crescente busca por bens materiais, o que torna a cultura essencial nesse processo de sublimação, seja por meio da arte, do esporte ou outras formas de expressão. Na configuração da civilização contemporânea, a técnica humana assume um papel central. Assim, a cultura não deveria ser uma esfera isolada da vida cotidiana, mas uma ferramenta que potencializa a emancipação. O autor aborda essa questão de maneira complexa e crítica, sugerindo que a emancipação está frequentemente vinculada à superação das condições sociais que restringem a liberdade e o desenvolvimento humano.

No entanto, dentro da perspectiva capitalista, o movimento ocorre como uma

³ O termo é utilizado na obra "O homem unidimensional", para descrever as limitações de pensamento e da percepção crítica na sociedade industrial avançada, se revelando uma tendência das pessoas de aceitar e manter o status quo, devida à conformidade com a ideologia unidimensional dominante e à satisfação com as condições materiais atuais. Assim "Os produtos doutrina e manipulam; eles promovem uma falsa consciência que é imune à sua falsidade. E como esses produtos benéficos tornam-se disponíveis a mais indivíduos em mais classes sociais, a doutrinação que eles levam a cabo deixa de ser publicidade; torna-se um estilo de vida" (Marcuse, 2015, p. 49).

⁴ O conceito dessublimação exposto por Herbert Marcuse é o processo pelo qual as formas de controle social, como a repressão das necessidades e desejos individuais, são negligenciadas ou neutralizadas na sociedade unidimensional. Diferentemente da sublimação, que envolve a transformação de impulsos indesejados em formas socialmente aceitáveis e culturalmente valorizadas, a dessublimação refere-se à liberação ou neutralização das restrições que normalmente controlam esses impulsos. Marcuse argumenta que "parece que tal dessublimação repressiva atua de fato na esfera sexual e aqui, como na dessublimação da cultura superior, opera como o subproduto dos controles sociais da realidade tecnológica, que amplia a liberdade enquanto intensifica a dominação" (Marcuse, 2015, p. 98).



imersão na potência negativa. Marcuse analisa as consequências da repressão vigente sobre a sublimação. A cultura se encontra em um estágio onde a cultura superior ainda não se concretizou, sendo desviada para se integrar ao mercado. Um problema central na unidimensionalidade reside na integração de oposições, marcada pela ausência de elementos que contraponham o pensamento dominante, impedindo a transformação de outros desafios. A dificuldade em superar a organização da produção social da riqueza reflete a resistência à mudança. Isso significa que normas, valores e práticas culturais tendem a refletir as estruturas sociais existentes, impedindo a superação dessas estruturas. A cultura desempenha um papel fundamental na manutenção dos sistemas econômicos e sociais, funcionando muitas vezes como um obstáculo à transformação. Assim, a cultura inserida nessa dinâmica capitalista perde seu potencial transformador e atua mais como uma reafirmação do que como uma negação da ordem estabelecida. Marcuse conclui que:

Essa absorção do ideal pela realidade testemunha até que ponto o ideal foi ultrapassado. Ele é trazido do reino sublimado da alma ou do espírito (*spirit*) ou do homem interior e é traduzido em termos de problemas operacionais. Aqui estão os elementos progressivos da cultura de massa. A perversão revela o fato de que a sociedade industrial avançada está diante da possibilidade de uma materialização dos ideais. As capacidades dessa sociedade estão progressivamente reduzindo o reino sublimado no qual a condição do homem era representada, idealizada e denunciada. A cultura superior torna-se parte da cultura material. Nessa transformação, ela perde a maior parte de sua verdade. (Marcuse. 2015, p.86)

Além disso, o autor defende que, na sociedade pré-tecnológica, os indivíduos não estavam totalmente imersos nela. A cultura superior ocidental, embora restrita a uma minoria, ainda oferecia a possibilidade de vivenciar experiências e perspectivas variadas, o que a distinguiu do mundo dos negócios. Dessa forma, mesmo com a transição para a era tecnológica, alguns elementos dessa cultura tradicional continuam presentes, fornecendo imagens e expectativas alternativas. Esse processo revela a evolução da sociedade, da cultura superior para a cultura de massa.

Essa transição está profundamente relacionada à transformação de uma sociedade predominantemente agrária, ainda marcada por vestígios feudais, para uma sociedade industrial e tecnológica. A cultura de massa, influenciada pela indústria e pela vida urbana acelerada, exerce um papel central na formação dos hábitos diários, costumes e emoções das pessoas. Marcuse argumentava que essa mudança implicava profundas consequências para a liberdade individual e a crítica social. No entanto, o foco aqui não

está em explorar essas implicações, mas em ressaltar a subordinação da cultura à técnica, ou seja, a absorção da cultura como um meio de reprodução material.

A cultura superior, por sua vez, mantém a preservação de imagens e ideias na experiência contemporânea, oferecendo uma alternativa e uma possível redenção ao que já existe. Isso evidencia a influência persistente da cultura em nossa sociedade. Na perspectiva de Marcuse:

A cultura superior do Ocidente - cujos valores morais, estéticos e intelectuais a sociedade industrial ainda professa – era uma cultura pré tecnológica em um sentido tanto funcional como cronológico. Sua validade era derivada da experiência de um mundo que não existe mais, porque está invalidado, em um sentido estrito, pela sociedade tecnológica. (Marcuse, 2015, p. 87)

Na fase de sublimação, marcada pela diminuição do poder da sociedade administrada, ocorre um movimento oposto denominado "dessublimação". Esse fenômeno, contrário à sublimação, representa a redução dos conflitos ligados ao controle das pulsões que geram os resultados sublimados. A sociedade administrada, por sua vez, é responsável por criar esses desejos e controlar necessidades frequentemente artificiais. Marcuse usa o termo "sociedade de consumo" para descrever essa dinâmica, na qual a tecnologia funciona como um instrumento de dominação sobre os indivíduos.

Essa sociedade de consumo produz em larga escala, priorizando necessidades artificiais em vez das genuínas, imergindo os indivíduos em uma lógica de consumo que oferece identificação e conforto dentro dessa estrutura. Adaptando-se ao tempo e aperfeiçoando seus métodos para capturar o consumo no cotidiano, ela fomenta uma cultura de consumo incessante de produtos, tanto domésticos quanto profissionais, criando a ilusão de que esses bens complementam a vida das pessoas.

No capitalismo avançado, na esfera do consumo, observamos produtos sendo massivamente produzidos, como se fossem os próprios indivíduos a determinar essa demanda. No entanto, podemos perceber um movimento enganoso, no qual os indivíduos buscam esses produtos para satisfazer suas necessidades. Herbert Marcuse argumenta que, na realidade, essas necessidades que parecem "reais" são, na verdade, uma demanda já estabelecida por interesses comerciais visando o lucro. Ele chama essas necessidades de "necessidades falsas", que apenas perpetuam a opressão e intensificam a luta pela



sobrevivência. Marcuse expõe que:

... "Falsas" são aquelas que são super impostas ao indivíduo por interesses sociais particulares para reprimi-lo: às necessidades que perpetuam a labuta, a agressividade, a miséria e a injustiça. Sua satisfação pode ser mais gratificante para o indivíduo, mas essa felicidade não é uma condição que deva ser mantida e protegida se ela serve para impedir o desenvolvimento da capacidade (sua própria e dos outros) de reconhecer a enfermidade do todo e de perceber as chances de curá-la. (Marcuse, 2015, p. 44)

Como Marcuse afirma: "As únicas necessidades que têm uma pretensão absoluta à satisfação são as necessidades vitais, como alimentação, vestuário e moradia, que são possíveis dentro de um determinado nível cultural" (Marcuse, 2015, p. 44). Conforme Marcuse descreve, as necessidades são sempre históricas, adaptando-se de sociedade para sociedade e conforme seus níveis de desenvolvimento. Assim, para avaliar quais necessidades são verdadeiramente essenciais ou falsas, Marcuse propõe que:

... deve ser respondida pelos próprios indivíduos, mas apenas em última análise; ou seja, se e quando eles são livres para dar sua própria resposta. Enquanto eles são mantidos na incapacidade de serem autônomos, enquanto eles são doutrinados e manipulados (até em suas próprias pulsões), sua resposta a essa questão não pode ser considerada como sendo dele próprio. (Marcuse, 2015, p. 45)

Portanto, enquanto essa sociedade persistir, será difícil escapar dessa realidade. Uma falsa liberdade de escolha é promovida e profundamente enraizada no tecido social, oferecendo uma gama de marcas predefinidas e formas de consumo. Esse impulso constante de consumir e adquirir produtos acaba por dominar o indivíduo. A aparente liberdade se converte, na realidade, em um instrumento de dominação. Assim, fica evidente que a exploração se adapta à negligência dessas necessidades genuínas, não apenas gerando desconforto e miséria, mas também impactando a identidade e o bem-estar dos indivíduos.

DESVELANDO A TECNOLOGIA



Na sociedade tecnológica contemporânea, surge uma nova forma de alienação, conforme analisado por Marcuse, que apresenta diferenças em relação à concepção de Karl Marx. Enquanto Marx abordou a alienação no âmbito do trabalho e suas consequências, referindo-se ao sentimento de afastamento do indivíduo de si mesmo, da sociedade e dos outros, Marcuse amplia essa análise. Ele propõe que essa alienação também se manifesta na perda de identidade, autonomia e controle sobre ações e pensamentos, levando as pessoas a se tornarem manipuláveis. Esse tipo de alienação está relacionado à exploração econômica e à falta de realização humana, resultando de estruturas sociais que não atendem às necessidades de todos.

Além disso, essa alienação se reflete internamente no indivíduo, impactando sua percepção de humanidade. Isso gera uma ausência de reconhecimento pessoal no trabalho executado, convertendo-o em simples mercadorias que parecem existir independentemente de sua criação original. Marcuse afirma que:

Essa civilização transforma o mundo objetivo em uma extensão do corpo e do espírito (*mind*) tornando questionável a própria noção de alienação. As pessoas se reconhecem em suas mercadorias, encontram sua alma no seu automóvel, nas suas casas de dois andares ou com mezanino e nos seus utensílios de cozinha.” (Marcuse, 2015, p. 47)

Os indivíduos postos nessas circunstâncias, acabam por si tendo uma identificação a esses produtos, alterando a forma de alienação “não é uma ilusão, mas uma realidade.” (Marcuse, 2015, p. 49). A consciência é submersa em uma realidade que potencializa a identificação imediata, e Marcuse aponta que isso estabelece uma relação essencialmente mimética com o social. A mimese refere-se à imitação inconsciente de padrões culturais e sociais, frequentemente limitando as expressões individuais. Isso pode ser comparado ao comportamento infantil, em que a criança imita os adultos até, eventualmente, adotar ou não um modelo mais racional e consciente. Contudo, na sociedade contemporânea, a autenticidade se esvai, dando lugar à mimese. A autenticidade, conforme Marcuse, é entendida como "introjeção", que implica a existência de uma dimensão interna distinta das exigências externas (Marcuse, 2015, p. 48). Esse processo mostra que a capacidade de manter uma postura crítica e opositora desaparece à medida que a sociedade impõe conformidade através da imitação. Na introjeção dos controles sociais, a realidade se transforma em ideologia, que, embora esconda as contradições do capitalismo e da



alienação, preserva sua verdade. A ideologia reflete como as relações materiais e sociais se manifestam na consciência, sendo a sua realidade apenas uma aparência ou representação.

Diz Marcuse:

Essa absorção da ideologia na realidade não significa, contudo, o fim da ideologia. Ao contrário, em um sentido específico, a cultura industrial avançada é mais ideológica que sua predecessora, visto que hoje a ideologia está no próprio processo de produção. (Marcuse, 2015, p. 49)

No processo de produção e distribuição de produtos e mercadorias, ao nos depararmos com eles e desejá-los, eles já influenciam estilos, comportamentos e hábitos que moldam nossa essência. Quando os indivíduos os consomem, essa identificação se torna ainda mais profunda, pois o ato de consumir cria um sentimento de pertencimento, uma conexão que invade nossa consciência, embora possa proporcionar apenas uma falsa sensação de satisfação.

Marcuse questiona: "Não seria possível viver sem essa luta estúpida, exaustiva e interminável, com menos desperdício, menos plásticos e aparelhos, mas com mais tempo e mais liberdade?" (Marcuse, 1973, p. 31). Em resposta, ele analisa o presente e o futuro da sociedade, afirmando que sim, é possível. No entanto, o sistema está sempre adaptando suas formas de repressão para manter o status quo. No contexto ocidental, Marcuse denuncia uma "contrarrevolução" que, sob a fachada de liberdades democráticas, recorre a meios como invasões, perseguições, massacres e torturas para preservar a ordem social. A repressão institucionalizada é ativada quando necessário, especialmente contra grupos dissidentes ou minoritários, e é intensificada pela mídia de massa, que frequentemente banaliza a violência.

O futuro, no entanto, está nas mãos dos próprios seres humanos. "Dentro das condições objetivas, as alternativas (fascismo ou socialismo) dependem da inteligência e da vontade, da consciência e da sensibilidade dos indivíduos. Depende da liberdade que ainda lhes resta." (Marcuse, 1973, p. 37).

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Em conclusão, a análise de Herbert Marcuse em *O Homem Unidimensional* revela a profundidade das contradições presentes na sociedade capitalista avançada, onde a tecnologia, embora capaz de proporcionar avanços significativos, acaba sendo um instrumento de dominação e repressão. A transição da cultura superior para a cultura de massa, acompanhada pela dessublimação, ilustra como a capacidade humana de expressar e transformar seus impulsos se vê restringida por uma lógica de consumo que nega a autonomia e a liberdade individual. O processo de unidimensionalidade, em que as necessidades reais são suplantadas por necessidades falsas, mantém os indivíduos presos a um ciclo constante de consumo, afastando-os de uma experiência genuína de emancipação.

Marcuse aponta, assim, para a urgência de uma ruptura com a racionalidade tecnológica dominante, que, ao invés de promover a liberdade, reforça as estruturas de poder e controle social. A verdadeira emancipação, segundo o autor, só seria possível por meio de uma transformação radical das condições sociais e culturais, rompendo com a alienação imposta pela sociedade administrada. Ao enfatizar a importância da consciência crítica e da sensibilidade individual, Marcuse abre espaço para a reflexão sobre alternativas ao modelo capitalista, propondo que o futuro depende da capacidade dos indivíduos de perceber as contradições do sistema e buscar formas mais autênticas de viver e se relacionar com o mundo.

Assim, as questões levantadas por Marcuse permanecem relevantes, desafiando-nos a reconsiderar o papel da tecnologia, da cultura e do consumo em nossas vidas, e a refletir sobre os caminhos possíveis para uma sociedade mais livre e justa, onde a verdadeira emancipação humana seja, de fato, alcançada.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: Filosofia e Psicologia**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- CAMPOS, Maria Teresa de. **Marcuse: realidade e utopia**. São Paulo, Anablume, 2004.
- FREUD, Sigmund. (1990). **Mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2010.
- KONDER, Leandro. **A questão da ideologia**. Rio de Janeiro: Editora: Expressão Popular, 2020.
- MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- MARCUSE, Herbert. **O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade**



industrial avançada. Tradutor Robespierre De Oliveira; Deborah Christina Antunes; Rafael Cordeiro Silva. São Paulo. Edipro, 2015.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos.** Tradução de Jesus Ranieri. Boitempo Editorial, 2004.

PISANI, Marília Mello. **Marxismo e psicanálise no pensamento de Herbert Marcuse.** In: Rev. Mal-Estar e Subj. v.4 n.1 Fortaleza mar. 2004.

NASIO. J.-D. **O prazer de ler Freud.** 1.ed. Rio de Janeiro: Editora: Jorge Zahar, 1999.